

EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO: Reflexões a partir da filosofia de Theodor Adorno

Paulo César de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo analisa, a partir do pensamento de Theodor Adorno, a questão da emancipação no processo educacional. A educação deve, simultaneamente, evitar o que ele chama de “barbárie” e buscar a emancipação da pessoa. Entende-se, por barbárie, o impulso de destruição que o homem traz consigo. Esse impulso manifesta-se nas diversas formas de agressividade que percebemos no cotidiano e pode chegar a situações extremas, como os campos de extermínio da Segunda Grande Guerra Mundial. A educação autoritária não consegue evitar as possibilidades destrutivas que o homem traz consigo; por isso, Adorno propõe uma educação “emancipatória”. Esse modelo educacional evita a repressão, se distancia da reprodução tecnicista e focaliza o aspecto produtivo da vida humana. Em outras palavras, a educação emancipatória pensa a sociedade e a educação distanciando-as do caráter industrial a que é submetido a cultura. A partir dessa perspectiva, o processo educacional pode favorecer a formação de sujeitos críticos e emancipados; sujeitos capazes de “domesticar” o impulso destrutivo que lhes é inerente. Desse modo, a educação forma pessoas autônomas e contribui para que não se repitam barbáries.

Palavras-chave: Filosofia. Educação. Adorno.

ABSTRACT

This article examines, from the thought of Theodor Adorno, the question of emancipation in the educational process. Education must, simultaneously, to avoid what he calls the "barbarism" and seek the emancipation of the individual. It is understood, for barbarism, the impulse to destroy that man brings. This impulse manifests itself in various forms of aggression in daily life and realize that you can get to extreme situations such as the extermination camps of the Second World War World. The authoritarian education can not avoid the destructive possibilities that the man brings, so Adorno proposes education "emancipatory". This educational model avoids the suppression of reproduction is far technicist and focuses on the productive aspect of human life. In other words, education is the emancipatory society and education distancing them from the industrial character which is subject to culture. From this perspective, the educational process can promote the formation of critical subjects and emancipated; subject able to "tame" the destructive impulse that is inherent in them. Thus, education as autonomous individuals and contributes to that are not repeated cruelty.

Keywords: Philosophy. Education. Adorno .

A questão principal que move o pensamento de Adorno é a rejeição da “mentalidade sistemática” e a polêmica contra toda forma de “dialética positiva”. Por mentalidade sistemática, se entende a filosofia que visa compreender a realidade como uma totalidade sistemática. Diante da dialética hegeliana, denominada de positiva, uma vez que a negação da negação nada mais é do que a afirmação, ele propõe a “dialética negativa”. Isto é, quem escolhe o trabalho filosófico, como profissão, deve renunciar à ilusão de captar a totalidade do real; além do mais, essa realidade é plena de contradições. Ao rejeitar conceber a realidade como um sistema racional, ele opta por uma concepção que denominou, junto com Benjamin,

¹ Doutor em Filosofia pela Pontifícia Università San Tommaso D’Aquino (Angelicum), de Roma. Professor da Universidade Federal de São João Del Rei (MG).

de “micrológica”. A polêmica contra o “sistema” se evidencia, sobretudo, na obra “Mínima Moralia” de 1951. Essa obra revela a sensibilidade de Adorno em relação à alienação do mundo de hoje (cf. ADORNO, 1979, p. 3-4).

Adorno se propõe desmascarar o que os sistemas e as ideologias buscam encobrir. Os sistemas antigos e modernos usaram o “método da marginalização terrorística”, mediante o qual “expulsaram” da realidade e da teoria tudo o que se opõe à “razão dominante” (Cf. IDEM, p.72). Deve-se, portanto, resgatar a importância do sujeito, do negativo, do secundário. A rejeição ao “sistema” encontra seu vértice e posição categórica na obra “Dialética Negativa” de 1966. A crítica ao sistema passa pela crítica a Hegel, já presente na obra de 1963: “Três Estudos sobre Hegel”.

O mérito de Hegel, diz Adorno, foi ter insistido na dialética; porém a praticou mal. Ele a praticou de modo sistemático e mistificador, desenvolvendo uma dialética “positiva”, fundada sobre a identidade de “sujeito-objeto”, “conceito-coisa”, “pensamento-ser”, “racional-real”, “teoria-praxis”. Trata-se de uma identidade que significa redução. Fala-se que A é igual a B, mas no fundo, B é reduzido a A. (Cf. ADORNO, 1971, p.168). Esse pensamento “identificante” torna igual o desigual e acaba sacrificando o heterogêneo em nome do homogêneo e fazendo do mundo um sistema onde vigora a lógica da unanimidade totalitária: *Hegel, Kant e toda a tradição optaram pela unidade* (CF. ADORNO, 1982, P.141). Esse tipo de pensamento fundamenta o discurso e a prática da exclusão.

A opção pela unidade totalitária é uma violência ao diferente. E o que se percebeu ao longo da história do pensamento ocidental é que a “grande” filosofia foi acompanhada de um zelo paranóico de não tolerar nada além de si própria. Esta violência do sistema em relação ao diferente se reflete na lógica da dominação denunciada por Adorno e Horkheimer na obra *Dialética do Iluminismo*.

De fato, o sistema é a expressão mais radical do iluminismo. O sujeito que se coloca como autônomo, como primeiro, como “constituente”, não admite nada que lhe tire o primado; portanto, reduz a si próprio a totalidade do real. Dessa forma, se entende quando Adorno escreve que ... *o que leva um animal a matar o outro é a fome. O que leva os animais racionais a eliminar o diferente é a ira. O diferente é mal e digno de perseguição* (IDEM, p.131).

1. A DIALÉTICA NEGATIVA E A CULTURA PÓS-AUSCHWITZ

Contra a lógica da dominação, Adorno apresenta a dialética negativa; isto é, a consciência da não-identidade. É um tipo de filosofia que, mesmo partindo de Hegel, chega “anti-hegelianamente” a reconhecer como sua competência a inadequação entre pensamento e coisa. A dialética negativa não identifica real e racional, teoria e práxis, sujeito e objeto, conceito e coisa.

Adorno propõe uma dialética sem síntese, uma vez que a “negação da negação, é a afirmação”. Ao propor a dialética negativa, isto é, sem síntese, ele vai a Kierkegaard, de quem se ocupou na obra *Kierkegaard e a construção do estético*, de 1933. Adorno o apresenta como o teórico de uma ontologia subjetivista que não conhece síntese, mediação ou conciliação. É uma ontologia diádica, isto é, o ser é afirmação e negação, apenas.

Depois de Auschwitz, tanto a filosofia quanto a educação precisam ser repensadas. Não podem mais repetir o passado, isto é, uma visão justificante da realidade. Ela não pode ser descritiva da realidade, como a fenomenologia de Husserl, nem aceitar a transcendência de Heidegger, uma vez que esta é a imanência absolutizada. Por essas e outras razões, Hitler impôs a todos um novo imperativo: organizar a ação e o pensar de modo que Auschwitz não se repita e nem ocorra nada semelhante. No entanto, a constatação da irracionalidade do mundo não nos dispensa da luta no sentido de torná-lo racional; mas uma racionalidade que não exclua o diferente e, paradoxalmente, o ilógico.

2. A QUESTÃO DA INDÚSTRIA CULTURAL

Essa luta pela inclusão do diferente e contra a filosofia da totalidade implica em considerar e buscar alternativas ao fenômeno da industrialização da cultura. A análise sobre a indústria cultural está presente em, praticamente, todas as obras de Adorno; porém, é mais desenvolvida na *Dialética do Iluminismo*.

Segundo Adorno, uma das características da atual sociedade tecnológica é a criação de um gigantesco aparato da indústria cultural. A indústria cultural é um instrumento de manipulação das consciências, usada pelo sistema para se conservar, se manter ou submeter os indivíduos.

Por isso, diz Adorno, os veículos de comunicação não são instrumentos neutros; eles estão plenos de conteúdos ideológicos. Isto é, os “mass-media” não só transmitem ideologia, mas constituem ideologia, independentemente dos conteúdos transmitidos. As técnicas

produzem, independentemente do conteúdo, estados de paralisia mental acompanhados de passiva aceitação do existente.

O imperativo da sociedade tecnológica é que o homem deve adaptar, sem especificar a que coisa; adaptar àquilo que, sem a reflexão, como reflexo da potência e onipresença do existente, constitui a mentalidade comum. Mediante a ideologia da indústria cultural, a adaptação toma o lugar da consciência. Na indústria cultural, tudo se torna mercadoria. Tudo isso é eloqüentemente exemplificado por fenômenos-chaves como o cinema, o entretenimento, a publicidade, a arte, a educação (cf. ADORNO E HORKHEIMER, p.133).

Para Adorno e Horkheimer, o cinema atual provoca um bloqueio patológico das faculdades crítico-reflexivas do espectador. Diante das imagens que passam rapidamente diante do espectador, ele não pensa mais e se identifica totalmente com o filme que torna, para ele, a própria realidade. O entretenimento, ou a diversão, agora, é mecânico. Desse modo, atrofia a mente, como o trabalho mecanizado na fábrica ou na oficina. Divertir significa: não pensar, esquecer o sofrimento. Diz Adorno que na base do divertimento existe um sentimento de impotência. A publicidade representa aos olhos de Adorno a embriaguês do indivíduo; o objeto é encoberto por uma série de qualidades e símbolos que têm pouco ou nada a haver com ele. O consumidor confunde o objeto com as qualidades.

Assim, o prazer e a felicidade são objetos de uma fictícia propaganda e promessa ilusória. Assim nunca se alcança a felicidade e nem o prazer; é sempre algo que está por vir...

Um outro núcleo temático do pensamento de Adorno é a meditação sobre a arte. À arte ele dedica os primeiros artigos e a última obra: *Teoria Estética* (publicada postumamente em 1970). No centro desse núcleo está a música. No artigo *A situação social da música*, de 1932, ele sustenta que a mercantilização da música implica numa fratura entre música e sociedade. Essa mercantilização atinge mais a música romântica e chega a envolver as massas, confirmando a avaliação de Nietzsche que considera esse tipo de música uma droga (Cf. FORNERO, Giovanni., 2000, p.171. Essa ruptura entre cultura e sociedade é consequência da organização capitalista da vida social que, segundo Adorno, é superada somente a nível político e social.

3. O PAPEL DA EDUCAÇÃO

A mercantilização envolve toda a cultura e alcança, também, a educação. Esta, como a arte o faz, pode reproduzir e realimentar a indústria cultural e também pode ser um fator de

questionamentos, reflexões e mudança. É, por isso, que a necessidade de que Auschwitz não se repita constitui, segundo Adorno, a meta principal da educação. A barbárie continuará existindo enquanto persistirem as condições que levaram àquele fato e a tantos outros que presenciemos no cotidiano de nossas consciências.

Na análise provocada pelo instinto de destruição, Adorno busca referência em Freud. Os ensaios de Freud mostraram a tendência anti-civilizatória dos indivíduos. Um exemplo gritante desse instinto destrutivo é o fato de que milhões de pessoas foram assassinadas de maneira planejada pelo nazi-fascismo. O genocídio teve também suas raízes no nacionalismo que se espalhou por muitos países no século XIX.

As possibilidades de mudar os pressupostos que geraram Auschwitz são limitadas por fatores políticos e sociais. Por isso, a educação passa a assumir um aspecto ainda mais relevante. No entanto, trata-se de uma educação dirigida à auto-reflexão e centrada na primeira infância.

O único poder efetivo contra a repetição de Auschwitz é a conquista da autonomia por parte do educando e o poder para a auto-reflexão e autodeterminação de não participar na barbárie. Agir de forma heterônoma, curvando-se diante de normas e compromissos de obediência “cega” à autoridade gera condições favoráveis à barbárie. O não confronto com a barbárie é a condição para que tudo aconteça de novo. Os algozes do campo de concentração de Auschwitz eram, em sua maioria, jovens filhos de camponeses, o que pressupõe ser o insucesso da desbarbarização maior ainda na zona rural. Segundo Adorno, evitar Auschwitz implica em resistir ao poder cego de toda espécie de coletivo, brutalidades e violências justificadas por costumes e ritos (Cf. FORNERO, Giovanni., 2000, p. 162).

A educação pautada pela severidade e pela disciplina extrema é condição propícia para a barbárie. A dureza significa indiferença em relação à dor. E a insensibilidade é um dos obstáculos à filosofia e à educação emancipatória. Segundo Aristóteles, foi pela sensibilidade (*thauma*) que os homens começaram a filosofar (cf. Metafísica I, 982). A insensibilidade é uma das características das pessoas desprovidas de autoconsciência e, portanto, autoritárias. Os indivíduos desprovidos de autoconsciência constituem o caráter manipulador. São pessoas desprovidas de emoções, detentoras de consciência “coisificada” transformando a si mesmas e aos outros em “coisas”.

Contra a repetição de Auschwitz será necessário estudar a formação do caráter manipulador; identificar o motivo que levou indivíduos em condições iguais a ter comportamentos diferentes. É um equívoco entender isso como resultado da natureza humana

e não como um processo de formação. O caráter não é algo natural, mas é formado culturalmente.

Portanto, é necessário analisar qual o papel da nossa sociedade no combate à barbárie e que o fator principal a favor da desbarbarização é o amor, que não tem hoje representação nenhuma nos homens. O amor ao ser humano implica na garantia do direito a existência do diferente e da recusa à sua condenação à morte.

Enfim, Adorno quebrou o tabu acerca do nazismo e de Auschwitz ao tentar despertar a consciência crítica e para não deixar que tal situação se repita, será preciso tratar criticamente o conceito de razão de Estado mostrando que a democracia só é possível graças à auto-análise e respeito pelo próximo, seja ele quem for (Cf. FORNERO, Giovanni, 2000, p. 163).

4. A EDUCAÇÃO CONTRA A BARBÁRIE

Adorno aborda a “barbárie” relacionando-a com o contexto histórico vivido pela Alemanha no século XX, que é para ele a mais horrível explosão de barbárie de todos os tempos, o Terceiro *Reich*. No entanto, ele afirma que este fato está presente em todo o mundo.

O grande desafio da educação é a desbarbarização e se, por meio da educação, pode-se transformar algo de decisivo em relação à barbárie. Está é uma condição em que o homem se encontra e, que, apesar de estar em um desenvolvimento industrial tecnológico, ele se encontra atrasado e, por possuir uma agressividade primitiva a um impulso de destruição, contribuem para aumentar o perigo de que toda civilização venha a explodir. Por isso, a tentativa de superar a barbárie é decisiva para a sobrevivência humana.

Adorno pensa que a barbárie não é uma concepção que se mostra às pessoas pela sua obviedade, mas algo realizado em um conjunto de imposições, compromissos e valores dogmaticamente impostos.

Quando as pessoas se dão conta do conceito de barbárie, elas tendem a se julgar fora dela. E quando queremos verificar se a educação pode interferir neste fenômeno, faz-se necessário caracterizar com mais precisão este conceito e de onde ele surge, levando em consideração o indivíduo. Por isso, para combatê-la por meio da educação, deve-se pensar em seus fatores psicológicos.

Adorno considera que não é somente através dos jogos psicológicos que se combate a barbárie, mas também através dos objetos que se encontram nos próprios sistemas sociais.

Esses objetos são os momentos sociais que, independentemente de cada homem, geram tal situação.

A chave para que ocorra uma mudança na estrutura da educação, sem tender a tal postura, é um problema a ser colocado no centro da consciência das pessoas. Dessa forma, tanto os elementos de barbarie como os momentos repressivos e opressivos, são fatores culturais que constantemente produzem nas pessoas esse comportamento (Cf. FORNERO, Giovanni., 2000, p. 166).

A barbárie, geralmente, é justificada pela autoridade ou pelos poderes estabelecidos para que se pratique a deformidade, o impulso destrutivo. Um exemplo que mostra a diferença entre que é e o que não é a barbárie, para Adorno, é extraído da juventude. O movimento estudantil trata de modos de agir politicamente refletido. Não se trata de uma consciência deformada imediatamente agressiva. No entanto, a barbárie se manifesta quando, em uma partida de futebol, um determinado time vence e é hostilizado ou agredido no estádio; isso é algo bárbaro. Porém, a questão mais difícil é: como educar nossos jovens para que efetivamente apliquem essas reflexões? Isto é, como lhes ensinar a respeitar o adversário, o diferente, o não-eu? O que fazer com quem pensa e é diferente?

Adorno concorda que a competição é um princípio, no fundo, contrário a uma educação humana. Mas o mundo capitalista vive e estimula a competição; nela vê um dos mecanismos da sobrevivência e do progresso. E a competição está inerente ao processo educacional contemporâneo... O que fazer? Infelizmente, a “massa” dos professores continua considerando a competitividade como sendo um instrumento central da educação e um instrumento para aumentar a eficiência. E romper com esse paradigma significa assumir uma postura política diferente. Ora, a questão que se coloca é se a escola e todos os que nela estão envolvidos querem, de fato, no discurso e na prática, romper com a filosofia do desempenho e do mérito, da lógica da dominação, e assumir, verdadeiramente, que conviver bem é preferível à vitória pessoal. O que se percebe é que a educação hodierna prepara pessoas para vencerem...ocuparem postos altos. Esse parece ser o ideal de vida! Ora, com este tipo de perspectiva, continuaremos a ter barbáries, uma vez que haverá sempre um dominador e muitos dominados. Haverá sempre uma cultura predominante sobre as demais! E as conseqüências do instinto destrutivo do homem poderão superar o que ocorrera em Auschwitz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O que se pode considerar, ao encerrar esse trabalho, é que, para Adorno, a educação perdeu completamente o seu caráter emancipatório e precisa resgatá-lo! Ao fixar e reproduzir internamente os pilares do capitalismo, sobretudo, a competição, o culto ao mérito, ao desempenho, a escola se tornou um ambiente da exclusão e de preparação de futuros autoritários. Isso é preocupante, pois a violência avança consideravelmente e Auschwitz pode se repetir!

A educação emancipatória não somente um método. É uma filosofia! Implica em rompimento com a tradição filosófica que considera o conhecimento como apreensão do objeto por parte do sujeito... Implica em romper com a visão tecnicista e positivista que estabelece hierarquias no conhecimento e privilegia a competição e o mérito. Ora, se quisermos que a barbárie não se repita, é preciso uma mudança de paradigma filosófico, político e econômico. Caso contrário, permaneceremos convivendo com a violência, a exclusão, o preconceito, a agressividade e com Auschwitz...e pensando que tudo isso é “natural” e “normal”. Ora, se a educação não nos ajudar a impedir a barbárie, para que ela serve?

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**. Torino: TEA, 1979.

_____. **Tre Studi su Hegel**. Bologna: Dehoniana, 1971.

_____. **Dialettica Negativa**. Torino: TEA, 1982.

_____. **Educação e Emancipação**. Paz e Terra: São Paulo, 2006.

FORNERO, Giovanni. La Scuola di Francoforte. In: ABBAGNANO, Nicola. **Storia della Filosofia**. Vol.VII, Torino, TEA, 2000.